

O PAPEL DA LITERATURA PARA CONSCIÊNCIA CULTURAL E AMBIENTAL DA REGIÃO DE BARRA DE GUARATIBA

Miguel Marques Vieira da Silva

Giulia Tafuri Rodrigues da Silva

Apresentação

A pergunta ressurgue nesta exposição como convite para repensar conceitos já cristalizados pelas teorias literárias. O que é literatura? Embora muitas vezes seja vista como passatempo ou prática distante da realidade, aqui a literatura é compreendida como um **jogo criativo e transformador**, capaz de provocar sensações, despertar reflexões e mobilizar consciências. Não se trata de algo distante ou meramente acadêmico; a literatura é experiência viva, diálogo entre palavra e leitor, entre matéria e agente criador. Contudo, esse “jogo” tem sido negligenciado. Lajolo (1984) comenta em seu livro *O que é literatura* que não devemos tratar literatura como jogo, porém, peço licença a autora e trago uma visão mais desafiadora: há muitos agentes, que desconhecem as regras e permanecem em completa alienação ante a aventura literária. Essa é a graça, se jogar no desconhecido, veremos que na literatura não se deve seguir regras, no campo literário. Uma vez que nós (sociedade) criamos as regras e muitas das vezes a descumprimos, por vezes não são compartilhadas, certas regras permanecem interiores, como o desejo. Aos poucos, estamos deixando de brincar, imaginar e recriar — e, com isso, perdendo um dos espaços mais férteis para a construção de sentido e identidade, o desejo morre e não mais fertiliza esse campo. Neste contexto, defendemos que a consciência literária nasce de uma **consciência cultural**, que, por sua vez, pode impulsionar uma **consciência ambiental, porém o despertar é puramente da relação entre os sujeitos, desses jogadores que devem brincar com a literatura sem regras, receios ou limitações**. É a partir desse entendimento que estruturamos esta exposição, convidando o público a ampliar o olhar sobre o papel social da literatura e sua capacidade de transformar realidades.

A pesquisa que sustenta esta exposição iniciou-se em fevereiro de 2024, ao investigar a presença da literatura na Barra de Guaratiba. O cenário encontrado revelou

uma produção literária escassa, talvez por falta de incentivo, políticas públicas ou valorização da cultura local. Este trabalho, que abrange mais de um ano de investigação, busca não apenas levantar perguntas sobre essa carência, mas também propor caminhos para a integração entre literatura, memória, cultura e meio ambiente. A base teórica reúne autores como Lajolo (1984), Culler (1999), Castro (1982), Lobo e Faria (1999), Schopenhauer (2025), Han (2023), Portella (1986) e Krenak (2020), que ajudam a compreender literatura como prática social, crítica e emancipadora.

De pronto e sem rodeios, a literatura é a brincadeira da palavra da qual se esconde e quanto mais se fala, menos se percebe e perde-se de vista.

*Dançamos em círculo e supomos
Mas o Segredo senta no meio e sabe¹*

Tal qual como esse Segredo em que dançamos, supomos, observamos e menos ainda sabemos sobre ele. A partir dessa exposição, nossa orientação não é que se saiba do que for literatura ou não, ainda mais, o que é Barra de Guaratiba. Deixe de lado as situacionalidades, como ler Clarice Lispector, sugiro que leia e sinta, logo em seguida, a palavra. Deve-se, portanto, simplesmente senti-la, produto da relação íntima entre matéria, agente e um novo denominador (a brincadeira, tal qual literária). Hoje, os agentes produtores dessa literatura se perdem, mais objetivamente, na pura objetividade. Estamos deixando de jogar, brincar, imaginar, pois, isto, sim, permite na literatura um ambiente possível de manifestação da consciência cultural individual e coletiva. Assim, é possível compreender que a consciência literária, parte-se de uma consciência cultural, a qual se manifesta não somente do ato introspectivo, mas coletivo de se produzir ideias que proverão nos lugares adequados manter-se. Para isso, esse jogo ainda tão simbólico e abstrato não tem regras. Iremos mover os quadrados aos poucos, sendo necessário contextualizar-nos em nosso tabuleiro. O que é a literatura na Barra de Guaratiba hoje? O que é o meio ambiente na região? O que está sendo feito de impacto ambiental e social na região? Com isso, convidamos você expectador a abrir sua mente para Literatura e concedê-la um papel que vai além dos livros, paredes da escola e muros de casa, uma vez que a Literatura precisa assumir um papel social, transformador, instrumental e movido por gente como a gente.

¹ Robert Frost (1874-1963). Esse trecho foi retirado do livro *Teoria Literária: uma introdução* de Jonathan Culler (p.30, 1999).

Estrutura da Exposição

A pesquisa, realizada entre fevereiro de 2024 e agosto de 2025, apresenta nesta amostra livros, documentos, entrevistas, registros fotográficos e produções literárias elaboradas a partir das vivências locais. O percurso foi organizado em sete seções, cada uma abordando um aspecto essencial da relação entre literatura, cultura e meio ambiente:

1. **A Natureza da Literatura** – Reflexão sobre o papel da literatura na construção da consciência cultural para consciência ambiental;
2. **Francisco Alves Siqueira** – Homenagem ao autor que dedicou 40 anos de escrita ao bairro de Barra de Guaratiba e breves comentários de 3 principais obras;
3. **A Escola e o Meio Ambiente** – Entrevistas com o corpo diretor da Escola Municipal Professor Vieira Fazenda e análise do Projeto Político-Pedagógico, destacando ações ambientais e o papel educacional;
4. **Ativismo Digital** – Iniciativas ambientais de Rafaela Rosa e Christian, que usam as redes sociais para mobilizar a comunidade em busca da preservação dos mangues e do mar de Barra de Guaratiba;
5. **Repositório da Memória** – Projeto em fase de desenvolvimento por Giulia Tafuri, preservando digitalmente registros da história local;
6. **Percursos Literários Sustentáveis** – Apresentação de cinco crônicas, cinco poemas e 30 fotografias que retratam as múltiplas facetas do bairro;
7. **Futuro e Continuidade** – Encerramento com a apresentação do Instituto de Memória Popular Guaratibano, projeto coletivo dedicado a preservar e difundir a história e a produção literária da região.

Convite ao Público

Mais que uma exposição, esta é uma experiência que convida o visitante a **repensar o papel da literatura no mundo contemporâneo**. Ela está nos livros, mas também nas ruas, na memória coletiva, na natureza que nos cerca e nas ações que tomamos para preservá-la. Aqui, a literatura é ferramenta de transformação. É um espaço de diálogo. É compromisso com o futuro.

Autores



Graduando em Letras – Literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Miguel Marques Vieira da Silva desenvolve pesquisas sobre literatura, memória e território, com ênfase na relação entre literatura e consciência cultural. Presidente do Instituto de Memória Popular Guaratibano e atua na preservação do patrimônio literário e histórico da região de Barra de Guaratiba, buscando integrar arte, educação e meio ambiente em projetos de impacto social.

E-mail: miguelmarques@letras.ufrj.br

Graduanda em Ciência da Computação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Giulia Tafuri é desenvolvedora de software. Com foco em engenharia e ciência de dados, busca utilizar repositórios de dados como uma ferramenta para democratizar acervos culturais e tornar a cultura, literatura e educação mais acessíveis. Atualmente, é membro do Minerv@s Digitais e desenvolvedora no projeto ElixSea, ambos da UFRJ.

E-mail: giuliatrs@dcc.ufrj.br



O papel da Literatura

“Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. Vista deste modo, a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo, não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contacto com alguma espécie de fabulação. Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado. O sonho assegura durante o sono a presença indispensável deste universo, independentemente da nossa vontade. E durante a vigília a criação ficcional ou poética, que é a mola da literatura em todos os seus níveis e modalidades, está presente em cada um de nós, analfabeto ou erudito [...]” (Candido, p.174-175, 2004). “

Partindo da definição acolhedora de literatura proposta por Antonio Candido, buscam-se refletir sobre a presença da palavra ficcional como força viva das experiências sociais, culturais e educacionais. Literatura, neste contexto, não é privilégio de poucos, nem território exclusivo da produção formal. Ela está nas ruas, nas vozes, nos causos, nos cordéis, nas redes, nos bilhetes, nas canções e em cada narrativa partilhada — seja ela oral, escrita ou digital, a literatura pode ser e é, popular. Com isso, ela termina, na medida que é produzida, pode ser ou não reverberada. Nosso intuito é localizar, pesquisar, compreender e divulgar esse tipo de literatura que consideramos importante.

Este projeto nasce do desejo de **compreender a literatura não apenas como produto de autores consagrados, mas como a literatura é agente transformador inserido na vida cotidiana das pessoas e não apenas produto**. Propomos um olhar atento sobre a palavra como ferramenta ativa, que circula nos territórios sociais e que pode alterar o curso dos acontecimentos quando lida, comentada, reelaborada e, acima de tudo, **preservada**.

Falar de literatura é também falar de **território**. Entendemos o território aqui não apenas como espaço físico, mas como **espaço simbólico de existência, de fala e de memória**. O território guaratibano, como qualquer comunidade, é repleto de “histórias do lugar” e nosso objetivo é desvendar, além disso, histórias que precisam ser guardadas, revisitadas e recontadas.

Por isso, propomos a criação de um **repositório digital**, um espaço de memória coletiva onde se arquiva não apenas o texto, mas o gesto de narrar. Afinal, a palavra pode se perder: por decisões políticas, por apagamentos culturais, pela velocidade da tecnologia ou até pelo descuido com o que é popular, cotidiano, "não literário". Preservá-la é um **ato linguístico e humano de afeto com o outro e o nosso**. Guardar a palavra é reconhecer sua potência, e permitir que ela continue agindo no tempo e no espaço, mesmo quando esquecida pela institucionalização ou a falta dela.

Quem tem direito à palavra?

A partir das reflexões da leitura de Antonio Candido, Marisa Lajolo e Jonathan Culler, cunhamos aqui o termo **cidadania literária**, compreendido como o **direito de todos os sujeitos de participar do mundo da literatura**, não apenas como leitores passivos, mas como criadores, transmissores e legitimadores de histórias. A cidadania literária questiona: **quem tem o direito de ser reconhecido como sujeito literário? Quem tem suas narrativas validadas como literatura? A obra precisa de passaporte?** São perguntas que ao final dessa exposição esperamos que tenham curiosidade de questionar e não chegar a uma resposta definitiva, mas que pensemos: todos temos direito à palavra.

Escritor, Leitor, Obra

A noção de **literariedade**, trazida por Jonathan Culler, nos ajuda a entender que não existe uma essência rígida que faça um texto ser "literatura". O que torna um texto literário não está apenas em suas palavras, mas **no modo como é lido, no contexto em que circula, e na experiência que provoca**. Assim, a literatura não pode ser separada da sua rede de relações: entre escritor, obra, leitor, e sobretudo, o tempo e o lugar em que estão inseridos.

Por isso, nossa proposta quer **valorizar os bastidores da literatura** — aquilo que não costuma ocupar os grandes palcos, mas que sustenta a cena: os leitores comuns, os narradores orais, os ativistas ambientais que visam compartilhar uma narrativa de seu mundo externo complexados pela naturalização dos problemas. Daria um livro, no dito popular, o combate entre os que acham correto e normal o descarte irregular de esgoto e aqueles que combatem veemente aquela realidade. Outro caso, a escola que luta por conscientizar alunos em prol do meio ambiente, mas questões pedagógicas e

administrativas (o velho problema da institucionalização) que deveria regular, é um atraso na construção da narrativa para consciência ambiental da comunidade escolar. Ou até mesmo, um autor local que decide pesquisar sobre sua terra, seu povo e seu passado, mas pela falta de popularidade, embora seja uma literatura popular e territorial (referente sobre sua temática exclusivamente guaratibana), tem seu passaporte literário negado.

Buscamos valorizar esse tipo de literatura. O nosso cotidiano, real, a memória popular e territorial que sobrevive às custas de uma narrativa que não ocupa os espaços das grandes livrarias, mas que acontece diariamente. E isso é, sim, literatura. Estamos mais próximos dos figurantes do que dos protagonistas, porque é nessa **literatura do povo** que se encontra a energia transformadora de que falava Candido.

Fabulação

“Ora, se ninguém pode passar vinte e quatro horas sem mergulhar no universo da ficção e da poesia, a literatura concebida no sentido amplo a que me referi parece corresponder a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito. Alterando um conceito de Otto Ranke sobre o mito, podemos dizer que a literatura é o sonho acordado das civilizações. Portanto, assim como não é possível haver equilíbrio psíquico sem o sonho durante o sono, talvez não haja equilíbrio social sem a literatura” (Candido, p.174-175, 2004).

Longe de ser um adorno, a literatura é parte fundamental da formação de sujeitos críticos e sensíveis. Como afirma Antonio Candido, todos nós, alfabetizados ou não, letrados ou populares, **precisamos da fabulação para viver**. Essa fabulação em seu nível mais sensível e esquecido, como o sonho nos acompanha durante o sono, durante a vida, a literatura — em suas múltiplas formas — nos acompanha na vigília, oferecendo sentidos, metáforas e possibilidades de existência. Literatura é parte do ser humano, indissociavelmente, invariavelmente em relação estreita. O ser humano está para a literatura, assim como a literatura está para o ser humano.

Em tempos em que a palavra pode ser descartada, distorcida ou silenciada, **guardar, compartilhar e reescrever** a literatura é uma forma de lutar por um mundo mais plural, mais justo e mais humano. Este é o papel da literatura como transformação social: **formar sujeitos, fortalecer comunidades e recriar o mundo — palavra por palavra.**

Literatura guaratibana: Francisco Alves Siqueira (1924-2024)

Em fevereiro de 2024, conheci Francisco Alves Siqueira, S. Chiquinho, como era carinhosamente chamado. Personagem marcante da região, iniciou sua trajetória literária na década de 1980, após se aposentar, dedicando-se à escrita com o mesmo cuidado que teve em mais de 30 anos de trabalho administrativo na Restinga da Marambaia. Nesta amostra, ressaltamos alguns de seus livros: *Barra de Guaratiba: Sua vida, seu povo, seu passado* (2004), *Os Mistérios do Grumari* (2013) e *História de Barra de Guaratiba para Crianças* (2021), todos de autoria de Francisco Alves Siqueira. Sua contribuição literária é inestimável, com 8 obras publicadas, registrando a vida cotidiana, a memória e a poética de Barra de Guaratiba ao longo de mais de 40 anos, especialmente entre 1980 e 2021.

Ao todo foram realizadas 5 entrevistas com o autor, em que uma delas foi realizado um passeio no mangue em que tiramos uma foto que destaca o autor com a ponte nova, ao lado em que não aparece na foto, a ponte velha, a qual ajudou a construir. Em sua última entrevista destaco abaixo algumas palavras do autor para você leitor, melhor conhecê-lo.



(Fonte: Miguel Marques, 13/04/2024)

Seguem alguns trechos analisados da entrevista no dia 16 de maio de 2024 com participação de Miguel Marques e autora em conjunto. A entrevista foi realizada para compreender sua infância de 1924 a 1934, além de seu período de vivências como morador da região.

Francisco Alves Siqueira comemorou seu aniversário de 100 anos em 29 de maio de 2024 e faleceu logo depois em julho. Nascido no alto da Barra da Guaratiba, em uma casinha de sapê, filho de Felisberto José de Siqueira e Josefina Alves Ribeiro. Atento aos barulhos da cigarra e dos pássaros, observador de seu pai com deficiência visual, o ajudava sempre que possível na pesca e nos afazeres de casa. Filho mais novo entre as quatro irmãs: Maria, Nélia, Glória e Benedita. Frequentou a escola de 1931 a 1938 quando se formou no primário e aos 14 anos foi trabalhar na pedreira de Barra de Guaratiba.



(Fonte: Miguel Marques, 13/04/2024. Ao fundo ponte velha, mais a frente ponte nova. Do lado esquerdo, guarita do exército e antigo local de desembarque de barcos, mais a frente a casa do porto [recebiam escravos ilegalmente]². Ao lado direito, atual Escola Municipal Professor Vieira Fazenda, dentro do CAEx [Centro de Avaliação do Exército - antigo Polígono de Tiro da Marambaia]).

² Veja o artigo do Flávio José Moraes Junior, publicado no ano de 2025 comentando sobre a ponte velha e a Casa do Porto. Nesse artigo, Flávio destaca a contribuição de Francisco Alves Siqueira como aparato teórico: MORAES JUNIOR, Flávio José. Patrimônio invisibilizado: escravidão, tráfico ilegal e a urgência de tombamento da Casa do Porto na Zona Oeste do Rio de Janeiro. Coleção Estudos Cariocas, v.13, n.3, 2025.

Sua relação com o exército iniciou-se em 1942 quando começou a trabalhar na marambaia no período de construção local e em 1945 realizou o exame para o quartel. Em comunhão com seus quatro amigos: Ary, Ardilho e Jair, os dois últimos não passaram para o exército, porém, Ary o influenciou a ser datilógrafo. Embora, contra sua vontade, uma vez que com o falecimento de seu pai em 1943, queria continuar cuidando do sítio e de sua mãe. Mesmo assim, seguiu a carreira no exército até sua aposentadoria em 1979.

Uma frase marcante em que destaque é acerca de sua infância:

“Minha infância foi lidar com adulto na pedreira (...)”

“[...] Não pensava em futuro, ficar adulto, servir o exército e saber o que acontecer (...) quase 2 anos trabalhando na pedreira (1942-1945)³. Quando saí não pensava em brincar. (...) eu fazia meus peões, nesse período eu tinha boas amizades. A vizinha mais próxima tinha 5 filhas e estudava com a gente, estava sempre lá em casa e a gente se distraía [...]” (Chiquinho, entrevista 16 de maio de 2024).

A infância estendeu-se até os 20 anos, uma vez que o ser criança aos poucos foi diminuindo com as questões sociais impostas a região. Trabalhar para ganhar dinheiro, trabalhar para cuidar da família e até mesmo o distanciamento da cultura local e das vivências, devido à necessidade do trabalho, dado que em certo momento a plantação não era mais tão rentável quanto o trabalho. Assim, S.Chiquinho desloca sua vivência para o exército até 1979, quando se aposenta e dá início a sua vida literária com a publicação do livro em sua primeira edição em 1983: *Barra de Guaratiba: sua vida, seu povo, seu passado* (1983, 1985, 2004).

A meu ver, é interessante começarmos com sua percepção de Barra de Guaratiba ainda pela perspectiva da entrevista:

“Barra de Guaratiba, havia uma praia banhada pelo oceano atlântico encostada ao pé do morro. Ali só viviam os índios tupinambás, e ela começou a ser habitada depois que Manoel Velloso Espinha, conseguiu pelo rei de Portugal a data dessas terras que vem do rio guandu ao embarcador da praia funda. E através de arrendamentos e convites para habitar o Brasil, a Guaratiba passou a ser habitada pelos índios que estavam aqui e posseiros que foram chegando (...) a população de Barra de Guaratiba” (Chiquinho, entrevista 16 de maio de 2024).



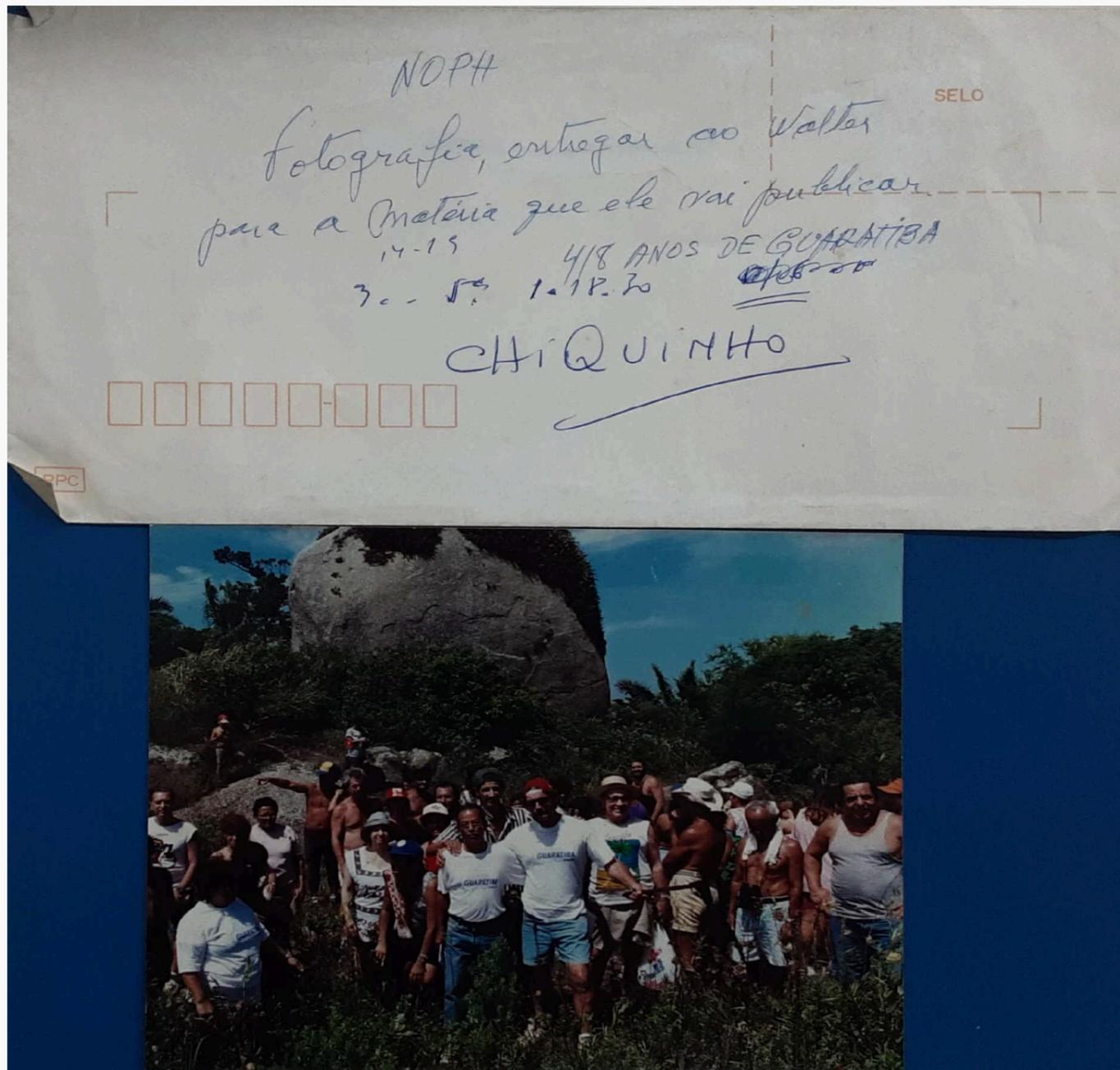
A capa, à esquerda, em baixa resolução, é a ausência do original em mãos, retirado do antigo blog do autor, ainda em vigor. Porém, à esquerda, vemos a edição mais “recente” do livro de 2004.

É importante ressaltar a ligação com o **NOPH** (Núcleo de Orientação Pesquisa Histórica de Santa Cruz) que ajudou S.Chiquinho com a pesquisa histórica sobre Barra de Guaratiba. Por lá se encontra um Acervo Comunitário de cerca de mais de 7000 itens. Encontramos em 3 dias de consulta ao acervo, um acervo doado por Francisco Alves Siqueira, ao NOPH que pode nos ajudar a compreender o caminho de sua pesquisa, além de alguns manuscritos e fotos. Também achamos outro autor que comentou em dois livros diferentes sobre Barra de Guaratiba: **José Roque Moreira Gonçalves**. Outra personalidade que será trabalhada em pesquisa futura.

Ainda sobre o livro de Francisco Alves Siqueira, gostaria de destacar os pontos principais da obra que o autor dá destaque para o ambiente de Barra de Guaratiba: a paisagem que merece preservação, os mangues, fonte de alimentação para região, as praias que servem para o lazer, as trilhas e acima de tudo - Barra de Guaratiba - ambiente que reside sua memória e lembranças mais que afetivas, porém parte de sua identidade e quem se tornou quanto escritor.

³ Acréscimo do autor.

⁴ Fonte: <https://franciscoalvessiqueira.blogspot.com/2009/03/livro-barra-de-guaratiba-sua-vida-seu.html>



Fonte: NOPH - Acervo de Guaratiba, comemoração de 418 anos de Guaratiba.

Nessa foto obtida em parceria com o NOPH, desde já agradecemos a parceria e participação. Podemos observar S.Chiquinho na comemoração de 418 anos de Barra de Guaratiba, em seu livro nas páginas 134-136, destaca o subtítulo “Vamos conversar nossa paisagem”. É um autor preocupado em conservar de forma ambivalente: em sua literatura, tanto quanto o próprio espaço físico. Essa consciência ambiental o levou a realizar um curso no INEA de Agente Ambiental e Curso de Turismo Solidário na UERJ, segundo seu relato.

Em seu poema mais famoso destaca-se o zelo pelo local:

Exaltação a Guaratiba

Guiado por uma luz Divina
Um dia em Guaratiba vim parar
Diante de tanta beleza
Passo a vida a contemplar
As tuas praias, teu mar azul
E os pescadores
Que pescam de Norte a Sul
Pescaria matinal
Puxa a rede o pessoal
Banhista curte o banho de mar
Em colóquio sensual
A tarde tem por do Sol
Com seu lindo arrebol
E à noite tem lual
A tua beleza me encanta
Me comove, me seduz
Guaratiba, sempre alegre, hospitaleira
És na terra uma estrela que reluz
Procuro sempre, te exaltar
E nunca, nunca, deixarei de te amar.

O poema “**Exaltação a Guaratiba**” revela um profundo vínculo afetivo entre o eu lírico e a paisagem local, exaltando suas belezas naturais, a rotina dos pescadores, os banhos de mar e a vida comunitária que se integra ao ambiente. A linguagem simples e emotiva transmite encanto e pertencimento, transformando a região em um símbolo de expressão subjetiva do eu lírico. A presença de elementos como o pôr do sol e o lual reforça o caráter poético da memória, em que momentos, mesmo iguais do dia a dia, podem ser únicos em um fragmento de terra chamado: Barra de Guaratiba.

Nosso objetivo, nesta seção da exposição, é apresentar à comunidade acadêmica, escolar e ao público um olhar sobre Francisco Alves Siqueira, revelando como sua trajetória literária se entrelaça com a história e a paisagem de Barra de Guaratiba. Sua escrita demonstra que, para além das belezas naturais, existem olhares atentos que as registram e eternizam, transformando a memória em poesia. Essa dimensão literária evidencia o poder da arte como ferramenta de sensibilização e transformação, preparando-nos para refletir sobre a próxima questão: qual é o papel da escola, hoje, na formação de uma consciência crítica, cultural e ambiental?

poesia



Papel da Escola na preservação ambiental

Em abril de 2023, iniciei meu estágio na Escola Municipal Professor Vieira Fazenda, situada na Barra de Guaratiba, na Restinga da Marambaia, em frente ao mar. A história dessa escola é envolta em curiosidade e versões diversas de sua origem. Alguns dizem que uma forte chuva comprometeu sua estrutura localizada em outro espaço; outros, que o imóvel precisou ser desocupado por motivos administrativos. Há ainda quem afirme que o prédio foi consumido pelo fogo. O que se sabe com certeza é que, partindo da Estrada da Vendinha, sua trajetória guarda memórias que misturam fato e imaginação em sua nova localização no período de 1956-1959 em que ocorreu o período de transição e que não se sabe ao certo. Uma vez que segunda S.Chiquinho em entrevista datada de 26/02/2024, “A escola da vendinha terminou, porém, não foi por conta do desastre. A Marambaia (escola) surgiu espontaneamente”.

Em fevereiro de 2024 um professor de história da escola comentou sobre um autor da Barra de Guaratiba e fiquei intrigado, gostaria de conhecê-lo. Conheci S.Chiquinho por meio da escola e nesse período de estágio de 2023-2024 agradeço pelo espaço oportuno de aprendizado.

Em conversa com Eduardo Vale, diretor-adjunto, tive a oportunidade de conhecer o PPP (Projeto Político Pedagógico), a preocupação da escola com o meio ambiente e as dificuldades encontradas no processo de conscientização ambiental dos alunos para com os problemas encontrados hoje na Barra de Guaratiba.



Fonte: Praia da Restinga, ao fundo à direita EMPFV, Miguel Marques, 13/04/2024.

A foto acima destaca a extensão da praia da Restinga da Marambaia e a localização da Escola Municipal Professor Vieira Fazenda (EMPVF) em sua posição privilegiada de frente para o mar. Algo que destaca mais ainda seu compromisso e como veremos abaixo a visão que o Diretor-Adjunto apresenta em suas palavras:

“(...) O nome dele (PPP) é ‘Ecologia e Sustentabilidade é a nossa praia’ (...) temos uma escola que está de frente para o mar e de costas para o mangue (...) A gente entende que toda estrutura social que envolve (a escola é): restaurante e pesca, está altamente conectado, temos um projeto linkado diretamente com o meio ambiente” (Eduardo, entrevista 27 de agosto de 2025).

Antes de falar sobre porque construir, é preciso começar do começo. Construir o quê? Esse processo de construção, de um objetivo, é resumidamente o PPP. É um projeto (começo, meio e fim), que objetiva em um determinado (espaço) a busca democrática (coletiva) da construção de algo para um fim. Nesse caso, a EMPFV, visa pensar sobre o meio ambiente e no contexto em que está inserida. Sem dúvida, é uma peça chave para a transformação social e ambiental.

O título do PPP, em conversa com o professor e diretor, Eduardo, foi escolhido pelos próprios alunos. Anteriormente, estavam voltados para o Parque da Pedra Branca, porém, priorizando seu contexto local e a necessidade de discutir a preservação e a sustentabilidade com os projetos já ativos na escola desde então, surge esse novo lema da escola.

“A partir de uma visão integral da educação, pretende-se que o aluno seja educado não apenas com saberes científicos, mas para fazer frente aos desafios que a vida oferecerá, ou simplesmente, porque se pretende que o aluno veja a conexão entre os saberes acadêmicos, os problemas sócionaturais, políticos e culturais” (Cordeiro, p. 61, 2009)

A afirmativa de Cordeiro (2009) ressalta que a educação deve ir além da transmissão de conteúdos científicos, formando indivíduos capazes de compreender a conexão entre o conhecimento tradicional e os desafios sociais, ambientais, políticos e culturais que enfrentam no cotidiano. Essa visão integral é compatível com a fala de Eduardo que busca um PPP da escola tal qual um espaço de diferenças, mas visam um objetivo em comum: o meio ambiente. A busca pelo preparo dos estudantes não apenas para o desempenho escolar, mas também para uma participação ativa e consciente na

sociedade.

No entanto, transformar essa proposta em prática exige mais do que um bom planejamento pedagógico; requer projetos consistentes, recursos adequados e engajamento coletivo da comunidade escolar. É nesse ponto que muitas instituições encontram seus maiores desafios, pois a distância entre a concepção de um Projeto Político-Pedagógico (PPP) e sua efetiva aplicação pode comprometer os resultados esperados.

Como destaca Eduardo abaixo:

“Alguns projetos perpetuam e outros nos páramos, estamos reformulando. Os dois primeiros anos da minha gestão foram muito interessantes, os projetos rodavam individualmente. Já havia uma horta, coleta de óleo, o professor de matemática estava com uma ideia inicial de vender latinhas de alumínio. (...) Começamos a montar uma estrutura em cima disso, em busca de bons resultados. Começamos a nos posicionar na sociedade como um polo (...)” (Eduardo, entrevista 27/08/2025).

Algumas iniciativas conseguiram se manter ativas, enquanto outras precisavam ser constantemente reformuladas. Ele relata experiências bem-sucedidas, como a horta comunitária, a coleta de óleo e a proposta de reciclagem de latinhas, que ganharam estrutura ao longo de sua gestão. No entanto, pontua que ainda há obstáculos para consolidar esses projetos de forma plena, evidenciando a complexidade de alinhar teoria e prática no contexto escolar, especialmente no que tange a relação da comunidade escolar: professores-alunos-responsáveis.

“Existe uma dificuldade de implementação. Há uma sobrecarga dos professores, uma sobrecarga administrativa. Podemos falar que hoje o professor de ciências é uma exceção, os professores ficaram sobrecarregados com os tempos de aula. Até o ano passado, esse professor de ciências que dava 26 tempos de aula, hoje dá 32 tempos de aula. Ainda assim, ele consegue tempo para se dedicar ao projeto na própria aula ou em outras” (Eduardo, entrevista, 27/08/2025).

A fala de Eduardo evidencia que a dificuldade de implementação dos projetos não está apenas na falta de recursos, mas também na sobrecarga de trabalho enfrentada pelos professores. A ampliação da carga horária, como o professor de Ciências, que passou de 26 para 32 tempos de aula, reduz o espaço para planejamento pedagógico, inovação e acompanhamento das atividades extracurriculares. Essa realidade

compromete a execução plena do Projeto Político-Pedagógico (PPP) e a manutenção de iniciativas que articulam conhecimento acadêmico e práticas sustentáveis.

Apesar disso, a dedicação individual de alguns docentes demonstra que, mesmo diante das limitações, é possível integrar os projetos ao cotidiano escolar. O exemplo do professor de Ciências, que encontra meios de incluir o projeto em suas aulas ou fora delas, revela uma postura de comprometimento que mantém vivas as propostas educativas. Essa situação, no entanto, reforça a necessidade de melhores condições de trabalho e de estratégias coletivas que evitem que tais iniciativas dependam exclusivamente do esforço pessoal dos educadores.

Esse esforço é demonstrado no decorrer da entrevista a sensibilidade que alguns alunos adquirem a partir das aulas sobre consumo, descarte correto de alimentos, por exemplo.

A partir desta entrevista, busquei evidenciar a importância do senso de coletividade proposto pelo Projeto Político-Pedagógico (PPP) e, sobretudo, a necessidade de sua efetiva implementação. As dificuldades enfrentadas pelas escolas vão além do campo pedagógico, abrangendo também questões administrativas que impactam diretamente o desenvolvimento de projetos e práticas educativas.

Uma escola ativa precisa conciliar ensino, gestão e comunidade, lidando com desafios que extrapolam a sala de aula. Ainda assim, ela resiste e reafirma seu papel como agente de transformação social, veja a entrevista abaixo completa:

Entrevistado



Eduardo d'Andréa Vale

43 anos

Licenciatura plena em EF pela URFJ

Pós-graduação em gestão educacional integrada

Professor da rede municipal do RJ há 14 anos.

Atual diretor-adjunto da rede municipal do RJ.

Atuou na rede estadual do RJ por 11 anos.



Os meios digitais e a realidade ambiental guaratibana

Se a educação é ferramenta essencial para transformação, por meio dela é possível mudar o mundo. Nada é impossível que não se possa mudar. Damos continuidade nesta exposição sobre consciência ambiental e literária, é possível que a palavra se estenda para o ambiente digital? Os meios digitais conseguem mudar a realidade física? Bom, como nada é impossível convidamos Rafaela Rosa e Christian Soares para comentar sobre o projeto nascido em 2025 com o intento de denunciar a realidade ambiental guaratibana e propor um novo cenário, fazendo com que as pessoas possam se conscientizar sobre os diversos problemas que assolam os mangues, praias e especialmente: o nosso território.



Fonte: Idealização de Rafaela Rosa, 2025.

Foram entrevistados no dia 29/08/2025 e agora, disponibilizo parte da entrevista comentada. Acompanhe um pouco da trajetória desse projeto. O surgimento dessa ação digital nasce em parceria da inconformidade e solidariedade em prol da comunidade.

“Foi quando eu encontrei com o Chris, com essa mesma vontade que me complementava. Como eu falei, eu sou designer, eu tinha esse poder de mostrar visualmente qual era o problema, mas me faltava como fazer isso, na prática” (Rafaela, entrevista, 29/08/2025).

“Moro há 30 anos na Barra de Guaratiba. Muito se fala sobre o direito à cidade, o acesso à moradia, saneamento e mobilidade, mas pouco se atua nas áreas periféricas, em especial na Zona Oeste. (...) O problema ambiental é muito latente, a gente pode falar mais para frente, mas descobrimos números alarmantes que influenciam na fauna e flora do nosso bairro” (Christian, entrevista, 29/08/2025).

O encontro das águas? Seria um título poético para comentar sobre esse desejo de cuidado com a terra. Antes mesmo da denúncia, surge certa organização, mas não externa e sim interna. Uma série de pensamentos, imagens e a partir disso é possível compreender que o direito a (alguma coisa), precisa ser exercido por sujeitos empenhados em destacar seu tempo a denunciar, renunciando o conforto de “deixar as coisas como estão”. Assim, surge por duas mentes inquietas um espaço de denúncia que rompe as barreiras do espaço físico, dos limites territoriais, abre-se um canal para escutar e ser ouvido sobre um problema coletivo. Observe abaixo:



Fonte: Rafaela Rosa, 2025.

Essas fotos são parte de um olhar do que ocorre minimamente em Barra de Guaratiba, isto não é nada menos do que o direcionamento incorreto do esgoto. Rafaela e Christian reivindicam condições mínimas de saneamento básico na região.

Uma vez perguntados sobre a ideia de comunidade e uma das características é o sentimento de pertencimento, os entrevistados apontam para o seguinte aspecto:

“O digital rompe barreiras: geográficas, sociais, burocráticas. Então a gente consegue ampliar a nossa voz. Uma coisa de Barra de Guaratiba é que a comunidade já naturalizou parte desse problema. Muitas vezes por falta de apoio, falta de infraestrutura, tem esse sentimento de incapacidade de mudança. Aquela coisa, ‘é assim, sempre foi assim, nunca vi diferente, não vou ser eu que fará diferente’. Isso acaba estagnado a ação. Por parte da população, porque ela acredita que não tem esse poder, essa voz” (Rafaela, entrevista, 29/08/2025).

A entrevistada destaca dois pontos importantes: o meio digital como um espaço coletivo, porém não utilizado por todos. E parte dessa não-utilização se dá pela naturalização do problema. A exemplificar, na teoria das cores, é possível encontrar explicação para essa naturalização. Ninguém questiona o porquê do céu ser azul ou a floresta ser verde, mas, na verdade, aqui encontramos um problema linguístico, as palavras são vazias e as preenchemos com significados diferentes. Na educação, desde o processo de industrialização, e antes disso, pelos mitos: o mundo é ordenado pela linguagem. Esse ordenamento é sumariamente moral, arbitrário e delimitado pelo espaço e tempo de uma determinada cultura.

Schopenhauer em seu livro “A arte de escrever” disse que: “Comparações são de grande valor, uma vez que remetem uma relação desconhecida a outra conhecida” (p.120, 2025). Logo, em seguida, comenta sobre a visão de Aristóteles sobre a beleza da metáfora no livro A poética. Somos capazes de estabelecer uma relação de proximidade, posteriormente de diferenciação e então, a síntese. Assim, pensamos e, portanto, essa capacidade de pensar e escrever, não é capaz de forma isolada. Estar na sociedade, não é estar em comunidade. O pensamento pode ser individual, quando não voltado para o coletivo.

Para isso, observamos hoje a naturalização dos acontecimentos, certo comodismo, ou melhor dizendo, ninguém disse para essa comunidade que verde mesmo são as florestas preservadas. E não o verde do saco plástico em meio a paisagem. Que o preto do esgoto não faz parte daquela paisagem, para isso, a consciência literária (toda e qualquer expressão de denúncia, transformação social por meio da palavra), é passível de acontecer para se obter os demais tipos de consciência, aqui, em especial, a consciência ambiental.

“Uma das nossas estratégias é reforçar a identificação. É o nosso bairro, a nossa terra. É a nossa água que está sendo contaminada, são as nossas tartarugas. É uma estratégia de mobilização de identificar vínculos. O que nos une ali? Enquanto comunidade, enquanto todos os moradores? É o amor pelo nosso bairro!” (Christian, entrevista, 29/08/2025).

Christian aponta para as estratégias de mobilização tanto pela parte dos moradores, quanto da cobrança do poder público. Destacando, a importância do reconhecimento do senso de pertencimento. Deve advir pela preocupação do que é coletivo e não tão somente individual, como, por exemplo, “deixar que se espere chegar para resolver”, não, pelo contrário, que isso não atinja mais quem já está sendo prejudicado por dados demonstrados em suas redes sociais:



Fonte: Captura de tela do perfil do projeto Barra de Guaratiba Viva, 2025.

Um dos seus lemas é: preservar é resistir. Mesmo com as denúncias, em 4 meses de trabalho, observa-se o retorno da comunidade ainda com desafios no processo de desnaturalização do “normal” no formato do problema ambiental. “Trabalho de formiguinha”, destacado por Christian, por outro lado, observa resultados tímidos de divulgação, circulação do trabalho que chega por meio de familiares, amigos e outros espaços, para além de Barra de Guaratiba. Isto significa que o primeiro passo é

essencial para toda e qualquer mudança, *feedback*, uma pessoa muito sábia me disse “aprimorar, depois que já feito”. Sem a feitura, não há nada que melhorar.

Uma mensagem que os entrevistados gostariam de deixar para o público jovem é destacada abaixo, já adianto: não desistam, é preciso prosseguir.

“Como viveremos nos próximos anos? O digital é uma ferramenta muito poderosa para mobilização. Todos os olhos estão voltados para o digital. (...) Aproveitar esses espaços, não só como entretenimento, mas de voz, voz ativa. (...) O cuidado com o meio ambiente é também com a saúde pública (...) Nós sempre vamos poder agir. Às vezes não é, eu indo ali resolvendo de forma prática, o problema do saneamento básico, mas eu posso usar a minha voz no espaço digital, para tentar, chamar atenção de quem sim pode resolver isso” (Rafaela, entrevista, 29/08/2025).

A indagação de Rafaela é algo que assombra essa exposição. Será que conseguiremos mostrar que a Literatura pode cumprir seu papel social? Quem irá lutar pela Literatura? É possível mudar o nosso entorno com palavras? A nossa voz é a maior expressão linguística, manifestada em qualquer tipo de suporte: físico, digital, oral, escrito. A produção linguística, conseqüentemente do nosso pensamento em palavras de uma determinada língua, em determinada forma e estilo, reunidas em determinado espaço e tempo, podem e sempre poderão alterar o curso dos eventos: esse é o maior poder da humanidade. Porém, quando bem direcionados e novamente, quando é possível dar, por meio da educação ou de uma moral da comunidade, o senso de que é preciso manifestar esse tipo de linguagem em prol do coletivo.

Resolver as coisas de forma prática, com o famoso jeitinho, é o que se é mais observado atualmente, no entanto, o cuidado com o meio ambiente é uma questão humanitária. A relação entre o ser humano e a vida.

Ailton Krenak aponta em seu livro “A vida não é útil” (2020): “Quem está apenas adiando compromissos, como se tudo fosse voltar ao normal. Está vivendo no passado. O futuro é aqui e agora, pode não haver o ano que vem” (p. 89). Esse trecho destaca a imprevisibilidade do amanhã e nossa inércia atualmente, a pressa, o jeitinho, “deixa para amanhã”. A vida corre, o relógio é um dos mais ansiosos não-humanos que já presenciei e está aqui a habilidade importante da comparação. Deveríamos ser menos ansiosos como o relógio, pois o tempo passaria de qualquer maneira, a nossa vontade estagnada deveria ser tal qual como a pressa do relógio. Assim, reflitamos para o fim dessa entrevista é: vamos correr juntos apressados com o meio ambiente preservado? Ou ao contrário, iremos *acelerar seu fim*? cada vez mais próximo. Algo a se refletir.

Entrevistados

Christian Soares, advogado, pós-graduado em Política e Planejamento Urbano e em Direito Eleitoral, morador da zona oeste, ativista social, cofundador do coletivo Tudo Numa Coisa Só e co-fundador do Projeto Barra de Guaratiba Viva.



Rafaela Rosa, designer, animadora, ilustradora e roteirista. Moradora de Barra de Guaratiba e ativista sócio-ambiental. Co-fundadora do Projeto Barra de Guaratiba Viva e autora do curta-metragem de conscientização ambiental "Ravi e o Monstro da Prainha", atualmente em fase de produção.

Veja a entrevista completa no link abaixo e não deixe de acompanhar o projeto Barra de Guaratiba Viva nas redes sociais:



Repositório Digital: uma ferramenta de conservação da memória

A obra de Francisco Alves Siqueira, mais conhecido como: S. Chiquinho é um acervo vivo, um testemunho em papel e memória da identidade de Barra de Guaratiba. No entanto, a memória física é, por sua natureza, frágil. Histórias orais são esquecidas, documentos se degradam, fotografias perdem a cor e acervos inteiros podem ser ameaçados por acidentes, problemas estruturais ou pela simples passagem do tempo. Temos como exemplo a tragédia que atingiu o Museu Nacional em 2018: as perdas culturais foram imensuráveis e o incêndio não foi um acidente isolado, mas um retrato de problemas sistêmicos na conservação da cultura e ciência no país. Esse caso serve como alerta de que a preservação da memória não pode depender exclusivamente das versões físicas. É nesse contexto um repositório de dados se torna essencial para preservação da memória.

Um retrato do descaso com a cultura e a pesquisa no Brasil

jornal.usp.br/atualidades/especialistas-da-usp-avaliam-perda-com-incendio-do-museu-nacional/

3 de setembro de 2018

Fogo consumiu 20 milhões de itens do mais importante museu com perfil acadêmico e de pesquisa do País



Fonte: Jornal USP, 3 de setembro de 2018.

Museu Casa do Pontal é inundado pela oitava vez; veja vídeo

Chuva ameaça acervo considerado o mais significativo de arte popular do país

Maria Fortuna

01/03/2020 - 14:09 / Atualizado em 02/03/2020 - 08:33



Museu Casa do Pontal sofre com inundação pela oitava vez Foto: reprodução

Fonte: Jornal O Globo, 2 de março de 2020.

Um repositório de dados é um sistema de armazenamento centralizado e seguro que organiza, gerencia e torna os dados acessíveis para compartilhamento, análise ou preservação. Esses repositórios são utilizados por pesquisadores, acadêmicos e empresas para armazenar, coletar e compartilhar conjuntos de dados, garantindo a segurança, a integridade e a documentação adequada dos dados. Quando lidamos com acervos culturais, um repositório transcende a função de uma simples “cópia de segurança digital” para se tornar um pilar essencial para a continuidade da herança cultural de uma comunidade.

Ao levar um acervo cultural para o ambiente digital, abraçamos o conceito de hiperconectividade, transformando coleções regionais em agregadores de uma rede global de conhecimento. Em vez de ser apenas um conjunto de arquivos digitalizados, um repositório moderno é um ecossistema de informação que requer uma gestão estruturada para garantir a qualidade, a segurança e, fundamentalmente, a usabilidade do acervo a longo prazo.

Construir um repositório digital é muito mais do que simplesmente digitalizar documentos e publicá-los na internet. É um ato de **Governança de Dados**. Este conceito pode ser entendido como a criação de uma "constituição" para a informação: um conjunto de regras, papéis e processos que garantem que os dados de um acervo sejam tratados como um ativo valioso, com qualidade, segurança e propósito.

Um repositório digital eficaz, portanto, não nasce do acaso, mas de um projeto estruturado sobre padrões internacionais que visam maximizar o valor do patrimônio cultural na era digital. E para guiar a sua construção, a comunidade científica e cultural estabeleceu os **Princípios FAIR**. O acrônimo define um roteiro para que os dados não sejam apenas guardados, mas que possam ser efetivamente encontrados, acessados, combinados e reutilizados por toda a sociedade.

1. Findable (Localizável): A Arquitetura da Descoberta

Para que um acervo seja útil, ele precisa primeiro ser encontrado. A localizabilidade depende diretamente de uma gestão de **metadados** rica e padronizada. Metadados são os "dados sobre os dados" — as etiquetas digitais que descrevem cada item do acervo: quem é o autor, quando foi criado, do que se trata, em que formato está. Sem metadados, um repositório digital é como uma imensa biblioteca com livros sem capa ou título. Além disso, para garantir que cada item seja único e permanentemente localizável, atribui-se um identificador persistente (como um DOI), que funciona como um "CPF digital" para cada documento, poema ou fotografia, assegurando que ele possa ser encontrado e citado de forma confiável ao longo do tempo.

2. Accessible (Acessível): O Compromisso com o Acesso Aberto

Uma vez encontrado, o dado precisa ser acessível. Este princípio determina que os arquivos e seus metadados devem ser recuperáveis por meio de protocolos de comunicação abertos, gratuitos e universais, sem a necessidade de softwares específicos ou senhas. Essa filosofia está alinhada ao compromisso de "acesso aberto, público e gratuito" defendido por iniciativas como a Rede Memorial, uma rede colaborativa de instituições culturais brasileiras. Acessibilidade significa romper as barreiras geográficas e sociais, garantindo que um estudante de Barra de Guaratiba, um pesquisador em outra cidade ou qualquer cidadão interessado possa consultar o patrimônio cultural com a mesma facilidade.

3. Interoperable (Interoperável): Construindo a Rede de Memórias

A interoperabilidade é a capacidade de diferentes acervos "conversarem" entre si, permitindo a integração de dados de fontes distintas. Isso é alcançado quando as instituições utilizam vocabulários e formatos comuns para descrever seus itens. A interoperabilidade transforma coleções isoladas em uma verdadeira rede conectada.

4. Reusable (Reutilizável): Da Preservação à Criação

O objetivo final de um repositório não é apenas guardar, mas garantir que a cultura seja viva, dinâmica e capaz de inspirar o futuro. Para que o acervo seja reutilizável, cada item deve ter seus direitos de uso claramente definidos, preferencialmente por meio de licenças abertas, que incentivam o uso em pesquisas, trabalhos escolares, documentários e novas obras de arte. A reutilização é o que transforma o acervo de um objeto de contemplação em uma matéria-prima para a educação, a ciência e a cidadania, permitindo que a memória inspire continuamente novas gerações.

Se os metadados são as etiquetas que descrevem cada item, as **ontologias** representam o próximo passo na evolução dos acervos digitais, criando um mapa que descreve as *relações* entre os itens. Trata-se de um modelo de conhecimento que um computador pode entender, estabelecendo conexões lógicas: por exemplo, que o autor S. Chiquinho escreveu a obra "Os Mistérios do Grumari", *que tem como cenário* a região de Barra de Guaratiba. As ontologias garantem uma "interoperabilidade semântica", que transforma o repositório de uma simples lista de arquivos em uma teia de conhecimento interligada. Com ela, um usuário poderia fazer perguntas complexas, e o sistema, guiado pela ontologia, saberia como navegar por essas conexões para entregar uma resposta precisa. Essa abordagem permite a descoberta de conhecimento que não está explícito nos documentos, abrindo fronteiras inéditas para a pesquisa e a exploração cultural.

Ao aplicar esses princípios de governança e tecnologia a acervos culturais locais, não estamos apenas salvando documentos. Estamos transformando um legado regional em um patrimônio coletivo, dinâmico e inteligente. Estamos garantindo que a voz, a poesia e a história de Barra de Guaratiba não apenas sobrevivam, mas ressoem, inspirando um futuro onde a cultura e a memória são bens comuns, abertos e acessíveis a todos.

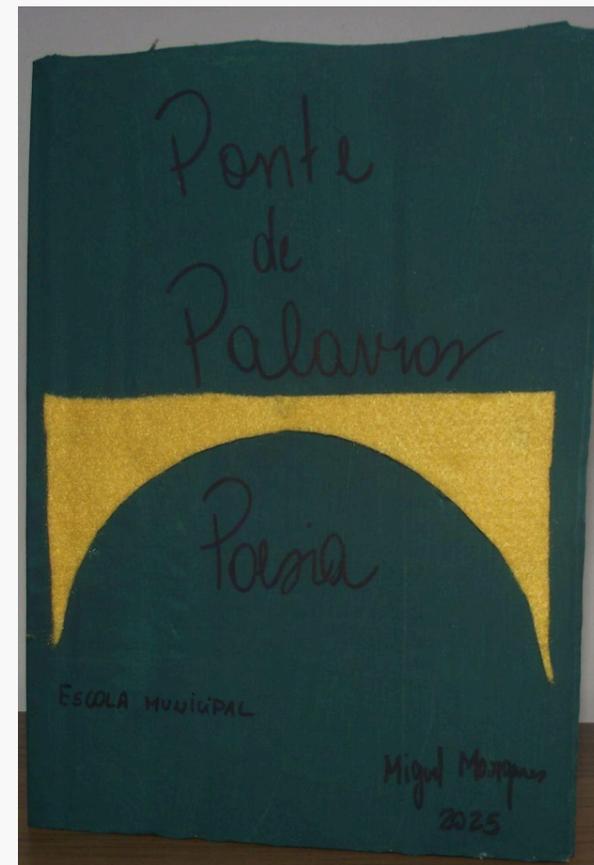
Percursos literários sustentáveis

O que é um percurso literário sustentável? Como todo projeto, finalizamos essa apresentação com uma proposta voltada para o meio pedagógico de reciclar a linguagem. Isto é, reutilizar materiais que seriam descartados, numa forma de expressão artísticas que representam uma memória local. Para isso, como toda narrativa, traçamos um percurso para que se chegue na preservação e consciência ambiental desejada por meio da literatura.

As duas canoas, confeccionadas a partir de cachos de coqueiro, simbolizam os pescadores de Barra de Guaratiba e a relevância histórica e cultural da pesca para a região, retratada majoritariamente na obra de Francisco Alves Siqueira. Dentro das delas, varas de pescar ou caniços “vara de bambu com a qual se pesca no costão” (Siqueira, p. 149, 2004), feito de material reciclado, reafirma a conexão entre tradição e sustentabilidade, trazendo para o presente os saberes tradicionais. Esses elementos representam não apenas meios de subsistência, mas também o elo afetivo da comunidade com o mar e os manguezais.

O Livro “Memórias” reúne poesias-reflexões sobre questões sociais e preserva a poética do território por meio de cinco poemas: *Exaltação a Chiquinho*, *Flores*, *Terreno de Memória*, *Rota do 867* e *Aurora e Bagre*.

A exposição, inicialmente apresentada no Festival do Conhecimento da UFRJ, será adaptada para as escolas municipais, promovendo vivências literárias e ambientais. Inspirados pelos livros de Francisco Alves Siqueira, obras de literatura em geral e Memórias, além da experiência com as obras expostas, os estudantes criarão em cada escola um livro chamado *Ponte de Palavras*, reunindo poemas autorais em livros artesanais feitos de papelão e folhas recicladas. O conteúdo será digitalizado e disponibilizado no site do Instituto de Memória Popular Guaratibano, garantindo que a memória coletiva continue a se renovar por meio da criatividade das novas gerações.



(Fonte: Miguel Marques, 2025.)

Ponte de Palavras marca a etapa final da exposição itinerante, sem encerrar sua trajetória neste primeiro momento, pois novas edições e desdobramentos ainda virão. Esta primeira amostra estabelece o ponto de partida para conceituar a literatura a partir do olhar da territorialidade, ressaltando seu papel como guardiã de memórias e catalisador de reflexões. No entanto, o projeto vai além: busca-se contribuir para a construção de uma consciência ambiental que se entrelaça com a preservação cultural.

O livro *Ponte de Palavras* será criado em cada escola visitada, reunindo produções literárias dos alunos, desenvolvidas em oficinas. Cada texto funcionará como um fragmento de memória, um registro afetivo desse encontro criativo e a relação dos alunos com seu espaço físico e simbólico. A proposta segue o lema da **reciclagem da palavra**, estimulando a reflexão sobre os suportes em que ela pode existir – desde plataformas digitais, como Instagram e livros eletrônicos, até materiais reciclados, como papelão e folhas reaproveitadas. Assim, a palavra se reinventa, ganha novos formatos e preserva sua potência de transformar realidades.

O futuro

Nossa exposição evidencia o papel fundamental da literatura na vida da comunidade guaratibana, explorando as relações complexas entre comunidade, sociedade e território, bem como suas implicações políticas, ambientais e sociais. Também busca dar voz a manifestações culturais que, muitas vezes, foram silenciadas ou não se consolidaram devido ao baixo interesse pela preservação da história local. Ressalta-se, assim, a importância da educação como ferramenta para transformar um cenário marcado por desigualdades e por preocupações ambientais que afetam diretamente a região do estado do Rio de Janeiro.

Além disso, destacamos a relevância de trazer essas pautas para o ambiente digital, garantindo que a memória cultural e ambiental seja acessível e preservada. A exposição revela um fragmento da história que por vezes foi esquecido ou relegado a segundo plano em função do turismo, mostrando que a identidade de um lugar vai além de suas paisagens — não só de flores jaz a primavera.

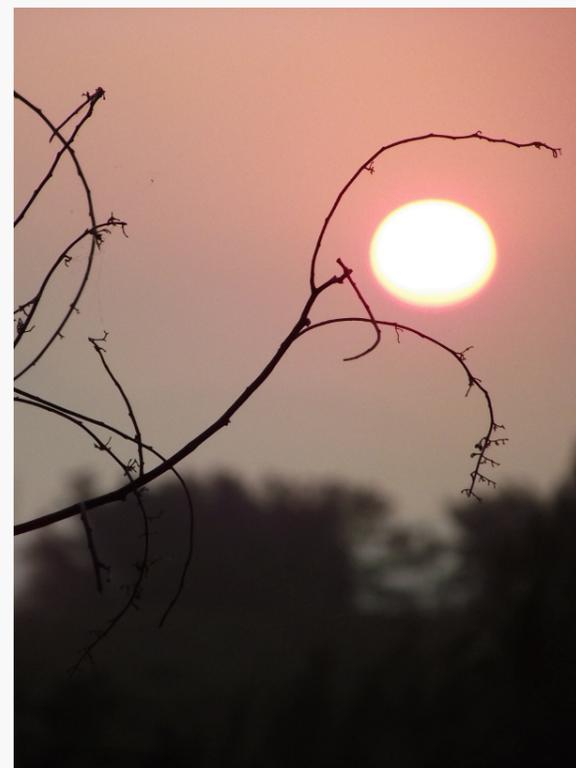
Os autores conceberam esta mostra para dialogar com o público contemporâneo, tendo como ponto alto sua apresentação no Festival do Conhecimento da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Sob o tema **“O Papel da Literatura para a Consciência Cultural e Ambiental da Região de Barra de Guaratiba”**, a exposição integra-se posteriormente ao acervo do Instituto de Memória Popular Guaratibano (IMPG-RJ), reforçando o compromisso de preservar e difundir o patrimônio cultural e afetivo da comunidade.



Esse trabalho, realizado entre fevereiro de 2024 e agosto de 2025, apresenta um acervo ainda pequeno, porém, diversificado, composto por livros, documentos, entrevistas, registros fotográficos e produções literárias a partir das vivências e análises de Barra de Guaratiba. Estruturada em sete seções, percorre temas que dialogam com a literatura como instrumento de consciência cultural e ambiental, certa homenagem a Francisco Alves Siqueira e suas principais obras, o papel da escola na preservação do meio ambiente, o ativismo digital em defesa dos mangues e do mar, a criação de um repositório digital de memórias, os percursos literários sustentáveis por meio da poesia, além da apresentação do Instituto de Memória Popular Guaratibano como espaço de continuidade e difusão dessas iniciativas.

Nossa expectativa é que cada visitante leve consigo não apenas o conteúdo aqui apresentado, mas também o compromisso de fortalecer a identidade local e estimular práticas sustentáveis em diálogo com a literatura.

Agradecemos a todos que acompanharam esta travessia até o fim e convidamos o público a acessar o material digitalizado no site do Instituto de Memória Popular Guaratibano (IMPG-RJ) e a seguir as redes sociais: @impg.rj, garantindo que essas histórias permaneçam vivas e acessíveis às próximas gerações, fortalecendo a “Ponte de Palavras” que liga passado, presente e futuro.



Na poesia é possível capturar o sol.
Tanto a li
E hoje, não consigo
Não deixar de pensar:
Tudo é possível.
Inclusive fazer com que
Outros acreditem que
É possível capturar o sol.
(Fonte: Miguel Marques, 2024.)

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: VÁRIOS ESCRITOS. São Paulo: Duas Cidades; Ouro sobre Azul, 1995. p. 169-191.

CASTRO, Manuel Antônio de. *O Acontecer Poético: A História Literária*. 2º ed. Editora Antares, 1982.

CORDEIRO, Edna Maria; SOUSA, Claudineia Ribeiro de; ROCHA, Jovina Benicio Coelho. A construção do projeto político-pedagógico da escola. COLARES, Maria Lília Imbiriba Sousa; PACÍFICO, Juracy Machado; ESTRELA, George Queiroga. Gestão Escolar: enfrentando os desafios cotidianos em escolas públicas. Curitiba: CRV, p. 59-70, 2009.

CULLER, Jonathan. *Teoria literária: uma introdução*. Tradução Sandra Vasconcelos. - São Paulo: Beca Produções Culturais Ltda., 1999.

DAMA International. *DAMA-DMBOK: Data Management Body of Knowledge* (2nd ed.). Technics Publications 2017

HAN, Byung-Chul. *A crise da narração*. Tradução de Daniel Guilhermino. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2023.

KRENAK, Ailton. *A vida não é útil*. Pesquisa e Organização Rita Carelli. - 1ª ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MATTOSO Camara JR, J. (1955). LÍNGUA E CULTURA. Revista Letras, 4.
<https://doi.org/10.5380/reL.v4i0.20046>

LAJOLO, Marisa. *O que é literatura*. 5º ed. Editora Brasiliense, 1984.

LOBO, Luiza; FARIA, Márcia Gonçalves. *A poética das cidades*. Organização Luiza Libo e Márcia Gonçalves S. Faria. - Rio de Janeiro; Relume Dumará, 1999.

PORTELLA, Eduardo. *Literatura e Realidade Nacional*. Editora Tempo Brasileiro, 5ª ed., 1986.

PUNTONI, P. *As Bibliotecas Digitais e a sociedade da informação: perspectivas para as bibliotecas digitais no Brasil*. Revista da USP, 80, 44-53. 2008.

RODRIGUES, Eloy et al. *Os repositórios de dados científicos: estado da arte*. 2010.

SCHOPENHAUER, Arthur. *A arte de escrever*. Tradução, organização, prefácio e notas de Pedro Sússekind. - Porto Alegre: L&PM, 2025.

SIQUEIRA, Francisco Alves. *Barra de Guaratiba: sua vida, seu povo, seu passado*. Francisco Alves Siqueira (Chiquinho). - Rio de Janeiro, 3º, edição independente, 2004.

SIQUEIRA, Francisco Alves. *História de Guaratiba para Crianças*. 3º ed. Rio de Janeiro: edição independente, 2021.

SIQUEIRA, Francisco Alves. *Os mistérios de Grumari*. 3º ed. Rio de Janeiro: Lisboa & Pfeil, 2010.

WILKINSIN, M. D., Dumontier, M., Aalbersberg, I. J., et al). *The FAIR Guiding Principles for scientific data management and stewardship*. Scientific Data, 3, Article 160018. 2026